

MEDICINA, A CIÊNCIA DAS VERDADES TRANSITÓRIAS

FERNANDO DA ROCHA CAMARA/prof.dr./ MÉDICO UROLOGISTA

Um velho ditado francês, afirma que em “Biologia e em Amor não há nem sempre nem nunca”.

Que Medicina é uma ciência biológica é o óbvio. Assim o padrão de normal é estatístico. As conclusões de uma pesquisa dependem do modo pelo qual é elaborada. A análise dos resultados, igualmente interfere nas conclusões. A chamada “Medicina Baseada em Evidências” tenta resgatar os informes mais confiáveis. Nunca vi denominação mais sem propósito! A Medicina sempre, em todos os tempos, foi baseada em evidências, ou seria a ciência dos idiotas. Que se procurem evidências mais confiáveis, aí sim tem propósito! Os trabalhos, então, são selecionados quando têm uma elaboração racional, com amostra adequada, bom tempo de seguimento, e conclusões significativas.

Sempre surgem revisões de conceitos tidos como estabelecidos. Ainda agora, há um ponto a ser esclarecido em Medicina, acerca do uso das estatinas, para tratamento do colesterol e triglicérides elevados. Até pouco tempo atrás, acreditava-se que esse grupo de remédios evitasse o câncer, de modo geral, e em especial o de próstata. Agora aventa-se a hipótese de que possam predispor ao câncer. Discute-se que a mortalidade não tem redução significativa entre os pacientes que as utilizam. A diminuição do risco de eventos cardíacos e de acidente vascular cerebral parece pequena. Haveria risco de diminuição da memória, toxidez hepática e lesões nos músculos esqueléticos. Relata-se que as sociedades de Cardiologia recebem doações dos laboratórios que produzem as estatinas. A aprovação pelo FDA não tem valor absoluto. O lucro astronômico estimularia as divulgações favoráveis à prescrição. A rosuvastatina, por sua vez, poderia predispor ao diabetes.

A verdade é que não há substâncias sem efeitos adversos. Há algum tempo, lí que os gregos usavam o açafraão como veneno. Ora é um tempero usado até hoje; vejam só, a alface é venenosa se em grande quantidade. Se temos grande parte de nosso organismo composta por água e cloreto de sódio, não nos surpreende que possamos morrer afogados.

Quando se estuda um novo medicamento, muitas pesquisas são feitas para que conheça a eficiência e os efeitos colaterais do mesmo. Foi assim que a aspirina, velha conhecida da medicina se tornou eficiente por seus efeitos anticoagulantes, sem que se precisassem realizar testes exaustivos.

Agora, com os riscos de epidemia de ebola, a OMS liberou um medicamento experimental, por ser a única alternativa terapêutica disponível. Há algum tempo um laboratório liberou medicamento experimental que deixou seqüelas nos usuários.

Quando a Pfizer me convidou, em 1998, para com outros pesquisadores, investigar a segurança da sildenafil (Viagra), houve muito rigor para sua aprovação.

O Prof. Dr. Walter Edgar Maffei, ilustre patologista, falecido há poucos anos, com 100.000 autópsias realizadas, afirmava que “os médicos são camelôs da indústria farmacêutica”. É para tornar as pesquisas mais confiáveis que as revistas científicas, tornaram rotina a informação “se há conflitos de interesse”.

Dentro dessa linha de conduta que na prescrição e reposição hormonal em homens adoto uma análise criteriosa.

Em Medicina as variáveis são tantas que o que hoje parece correto, pode sofrer nova interpretação no futuro, à luz de novos conhecimentos.

A história conta um fato, a respeito de Ciência, que é interessante. O físico Oppenheimer fazia uma palestra sobre o Projeto Manhattan. Então o físico Fermi afirmou: antes de ouvi-lo estava confuso sobre o assunto; continuo confuso em nível mais elevado.

Referências:

Maffei, WE Aulas ministradas em Patologia, na PUCSP.
Pubmed; Estatinas e Câncer.